

A ARTE DE NARRAR EM TEREZA ALBUES: ESPAÇOS QUE ENTRELAÇAM A VIDA DA NARRADORA DE *O BERRO DO CORDEIRO EM NOVA YORK*

Simone Alves Cipriano¹

Resumo: A proposta da comunicação é apresentar um estudo do romance *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), da escritora contemporânea mato-grossense Tereza Albués (1936-2005). O romance apresenta dois espaços, o sítio Cordeiro, que localiza no Município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso, espaço este que corresponde à infância da narradora protagonista (sujeito inominado) e o segundo, o nova-iorquino, da fase adulta da narradora. O presente trabalho tece reflexões sobre a configuração da narradora no romance, de maneira que o foco das análises centra-se na tensão entre os espaços sociais, rural e urbano, em que se encontra inserida a protagonista do romance.

Palavras-chave: Narrativa contemporânea, Tereza Albués, Espaço, Memória.

Introdução

Trabalhar com o literário é perceber o mundo, as possibilidades, o homem em si, o inacabado, o insignificante, o questionamento do homem em busca de compreender o ser/o estar no mundo, o conflito das personagens, a criação enquanto forma de suprir o vazio e dar coerência à existência. Deste modo, estudamos esta literatura, na qual o insignificante, o nada, o sujeito são eixos que ligam as discussões acerca da existência humana e sua relação com a sociedade. A literatura permite-nos conhecer a sociedade, e por meio dos sujeitos fictícios traçamos nossas discussões a fim de apontar na narrativa, as semelhanças, as rupturas, as diferenças e a intertextualidade que há na produção literária.

Assim sendo, este trabalho, visa desenvolver um estudo do romance *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), nosso objetivo é mostrar a representação dos espaços sociais,

¹Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Pontes e Lacerda – MT. Discente, nível de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra - MT. Simone2014.life@outlook.com.

rural e urbano dentro da obra. Em *O berro do cordeiro em Nova York*, o enredo gira em torno de uma família, pai, mãe e filhos que mora no interior de Mato Grosso e, que sobrevive num ambiente hostil, com carências diversas, tais como a falta de emprego, exploração, discriminação, bem como a falta de estrutura no sertão mato-grossense. Desta maneira, tais personagens são obrigados a migrarem constantemente, em busca de melhores condições de vida.

A narradora protagonista (sujeito inominado) utiliza como recurso a memória para tecer lembranças do passado, juntamente com acontecimentos do presente. O romance apresenta dois espaços, o sítio Cordeiro, que localiza no Município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso, espaço este que corresponde à infância da protagonista e o segundo, o nova-iorquino, da fase adulta da narradora.

Com base no período dos acontecimentos históricos referidos no enredo, possivelmente o romance foi escrito nas décadas de 1940 e 1950. Além do período da infância, o tempo da narrativa se estende para abranger a juventude e parte da vida adulta da protagonista até a década de 1990. Neste período era comum na região de Mato Grosso, um tipo de contrato assinado entre empregador e empregado chamado “aviamento”. Nesse tipo de relação de trabalho, de um lado, temos o indígena ou o camponês analfabeto e, de outro, as leis do capitalismo, representadas pelos fazendeiros ou por empresas nacionais ou internacionais. Hilda Gomes Dutra Magalhães (2002), em seu livro *Literatura e poder em Mato Grosso*, no artigo “Tereza Albues: a luta pela liberdade”, afirma que neste tipo de trabalho “[...] estabelece-se uma relação que, na verdade, dissimula uma situação de escravidão; o empregado, em uma vida miserável, fica eternamente ligado ao patrão por uma dívida que não para de crescer” (MAGALHÃES, 2002, p. 107).

É dentro deste prisma de desigualdade social que a narradora ganha destaque, pois sua trajetória é marcada pela itinerância e pela peregrinação em busca de liberdade e de melhores condições de vida. O questionamento existencial é o elemento determinante para o desempenho da narradora que desde a infância almejava sair do Cordeiro e se libertar deste ambiente opressor.

O romance albuesiano traz a temática da desigualdade social, dos marginalizados e dos menos favorecidos. Hilda Magalhães (2002) argumenta que em várias passagens da narrativa “são mostradas as formas de ação do governo ou dos fazendeiros em relação aos moradores”. Para Magalhães, “a discriminação, o preconceito e a exploração são sintomas de um poder abusivo, proveniente da esfera particular ou da esfera governamental” (MAGALHÃES, 2002, p. 103).

Venâncio, pai da narradora, vive perambulando pelo interior de Mato Grosso à procura de melhores condições de vida, seus trabalhos são sempre pesados, vive uma vida miserável, sendo submetido à lei dos que detêm o poder. Venâncio encontra-se impossibilitado de se libertar contra a dominação, uma vez que se vê perseguido pelo medo e pela impotência. Venâncio não consegue expressar seus sentimentos por meio de palavras, assim, expressa sua indignação através do esforço braçal.

É caracterizado na narrativa pela ausência de voz, uma vez que se encontra incapaz de agir contra o sistema e de se libertar da culpa que carrega por não conseguir dar uma melhor condição de vida para a família. Mergulhado na luta pela sobrevivência e soterrado por um manto de preconceitos diversos, a personagem luta para retirar a mordalha que a discriminação social lhe impõe.

Já a narradora albuésiana se coloca como cidadã do mundo, como sujeito em trânsito, de modo que seus deslocamentos espaciais fazem com que ela transcenda as fronteiras do nacional. Leonice Pereira (2014), ao estudar a personagem afirma,

Ao colocar-se como “cidadã do mundo”, a protagonista de *O berro* convida o leitor a refletir sobre um modo de vida peculiar ao mundo contemporâneo, onde se delineiam indícios característicos do fim dos Estados Nacionais. [...] Trata-se da diluição de fronteiras entre as nações próprias do mundo globalizado, assim, a heroína de Albués está sempre propondo transcender as fronteiras do nacional (PEREIRA, 2014, p. 196).

Nota-se que o mundo globalizado permitiu essa aproximação do sujeito com diferentes valores culturais, seja através dos meios de comunicação e/ou da facilidade proporcionada pelos avanços dos meios de transportes que permitem às pessoas estar em vários locais ao mesmo tempo, mesmo que seja por um curto tempo.

Nas palavras da narradora, ao registrar suas memórias ela afirma: “Percorri o Brasil inteiro e outros países da América do Sul. Europa, Canadá, Estados Unidos. Tenho vivido experiências incríveis que vão se incorporando à minha trajetória de andarilha” (BCN, 1995, p. 53). Além das viagens físicas, ela realiza outros deslocamentos pelo espaço mental, articulando a memória entre passado e presente, para refletir sobre os problemas inerentes à sua existência no plano ficcional.

É nessa condição de enfrentamento da realidade, na luta pela libertação, nos deslocamentos espaciais, seja pelas regiões brasileiras, ou pelo exterior, que a narradora demonstra sua luta por melhores condições de vida e pela independência pessoal.

Em *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), a narração transita entre dois espaços e dois tempos: o presente, vivido em Nova York e o passado, no Brasil, representado pelo sítio Cordeiro. Deste modo, o Cordeiro é associado, ao longo do romance, à dor e ao sofrimento, contudo, o local mais terrível como experiência de exploração é a Nhecolândia, onde Venâncio viveu em regime de escravidão, só conseguindo libertar-se por meio de uma fuga que culminou em sua loucura.

Como já mencionado, a narradora utiliza como recurso a memória para narrar as lembranças da infância. A respeito disto, Ecléa Bosi (2003), em *O tempo vivo da memória* salienta que é pela memória que o passado vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, “como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2003, p. 36).

A protagonista albuesiana nasceu em Várzea Grande e ainda recém-nascida mudou-se com a família para o sítio Cordeiro, “num rancho com teto de palha, paredes de adobo, chão de terra batida. Mamãe, papai, eu e meu irmão Gabriel, quatro anos de idade” (BCN, 1995, p. 13). Foi nesse ambiente que a personagem viveu sua infância e parte da adolescência.

De acordo com a narradora, seu pai era submetido a trabalhos pesados e não tinha nenhuma garantia trabalhista, os patrões podiam despedi-lo a qualquer momento. Eram pobres, todavia, não miseráveis, tinham teto e comida, porém nenhum futuro. Dormiam em redes armadas nos caibros, que serviam de estrutura para a sustentação do teto.

Pinça-se da narrativa o fato de que dois anos depois Venâncio foi surpreendido por um homem falante, aparentemente simpático, de dente de ouro brilhando na boca de riso fácil, que recrutava gente para trabalhar nas grandes fazendas do Pantanal. Além do salário convidativo - pelo menos três vezes o que Venâncio ganhava no sítio Cordeiro - estavam incluídos alimentação e moradia que, diferente do Cordeiro, seria casa boa, espaçosa com conforto para toda família.

A família partiu em um caminhão junto com outras famílias, amontoados feito gado, céu aberto, apenas uma lona servindo para proteger do sol ou da chuva, numa viagem que durou oito dias. E ao chegarem à fazenda cada família seguiu uma direção, guiada por um empregado que pouco falava. Conforme afirma a narradora, antes de seguirem para as casas o capataz fez um pequeno discurso a fim de informá-los como funcionária a vida na fazenda Nhecolândia:

Horário de trabalho das 5 da manhã às 5 da tarde, todo empregado teria uma caderneta para anotação das compras no armazém, as despesas seriam descontadas do salário, o saldo seria creditado ao trabalhador, que só teria direito a recebê-lo no final de cada empreitada. Finalizou dizendo que ele era a lei, que todos deveriam obedecê-lo, caso contrário faria cumprir o seu mando com a força do seu 38, e mostrava orgulhosamente os dois revólveres enfiados no cinturão cravejados de bala. (BCN, 1995, p. 23).

A casa, que segundo o patrão seria boa e espaçosa, não passava de um rancho em ruínas e sem portas. Tinha apenas um cômodo, o teto de palha todo esburacado e o fogão situava-se do lado de fora do rancho. “O terreiro em volta estava cheio de mato e o oitão dava na beira da baía coalhada de jacarés, nem falo nos mosquitos a esta altura inofensivos na paisagem voraz. [...] Mamãe falou, vamos todos morrer à míngua nesta tapera, estamos cercados de cobras, onças e jacarés” (BCN, 1995, p. 24).

Nessas condições, obviamente, Venâncio torna-se escravo, trabalhando de sol a sol, cada vez devendo mais ao patrão e neste tipo de contrato, o empregado que tivesse dívidas não poderia deixar a fazenda. A família encontrava-se ilhada, cercada por água, floresta e feras. A narradora ao refletir sobre essa situação afirma: “a perda da liberdade que ele próprio cavara ingenuamente se lhe torna insuportável” (BCN, 1995, p. 27). Venâncio, um lavrador que mal terminara o segundo ano primário, estava unicamente envolvido na luta contínua pela sobrevivência e da sua família. Homem simples e sem estudo que fora vítima dos fazendeiros na fazenda Nhecolândia.

Esse homem, na sua simplicidade, conseguiu fugir da fazenda, atravessando o Pantanal a nado, guiado pelo espírito de seu avô João Padre, pediu ajuda ao cunhado Horácio na Fazenda Três Marias para resgatar a família. Assim a narradora afirma: “Chegou a Três Marias irreconhecível, coberto de lama, barba crescida, queimado de sol, a pele lanhada, roupas rasgadas, seminu. [...] e contou toda sua saga em versos de rimas perfeitas, ele que nunca fora poeta e mal sabia ler e assinar o nome. Tinha enlouquecido” (BCN, 1995, pp. 30-31).

Assim como Venâncio, a narradora sofria discriminação e preconceitos diversos, inclusive de suas tias e avó. Mas, afinal, restavam-lhe submissão e resignação calada diante das humilhações. Segundo ela, suas cinco tias e sua avó Antonina, que se diziam brancas legítimas, não lhe perdoavam a cor da pele. “Racistas ferrenhas tinham vergonha de ter na família uma negrinha, como me chamavam. Mas eu sou morena e me pareço com papai, respondia de pronto e olhava pra ele, orgulhosa de sua beleza e força” (BCN, 1995, pp. 42-43).

Além das ofensas familiares, a narradora ainda se submetia aos preconceitos de dona Isabel, esposa de Leonídio Matoso um fazendeiro que empregou Venâncio após sua fuga da Nhecolândia. Dona Isabel julgava-se superior e não perdoava uma oportunidade de dizer à personagem sua posição social e as dificuldades que encontraria ao longo da vida por ser negra e pobre.

Quanto ao espaço, seja o sítio Cordeiro ou a fazenda Nhecolândia, eles sufocam a narradora, a qual se apresenta inconformada com a situação e determinada, desde criança, a ponto de colocar-se como sujeito à frente de seu tempo e, ao rememorar as humilhações que sofrera com dona Isabel quando era criança, afirma: “Naquele dia eu também faria uma promessa a mim mesma, jamais haveria de me submeter à opressão dos Matoso, comigo seria diferente” (BCN, 1995, p. 63). Com esta promessa a personagem demonstra sua garra e desejo em transcender para além do Cordeiro.

A personagem passou por várias cidades até chegar à Nova York; o Rio de Janeiro foi a cidade que a acolheu e mesmo com as inúmeras dificuldades que enfrentou, não teve nenhuma dúvida, “era no Rio que eu queria viver, me sentia em casa, como se eu tivesse nascido lá” (BCN, 1995, p. 141).

Desse modo, foi no Rio de Janeiro que deu o primeiro passo rumo às conquistas, lá conseguiu o primeiro emprego e ingressou na faculdade de Direito. Todavia, essa cidade também lhe trouxe frustrações e sofrimentos. Ao rememorar o passado ela afirma:

Estórias estas que conto como ilustração ingênua e caricata dum período que nada teve de ingênuo, foi de lutas, dificuldades, falta de dinheiro, frustrações, ansiedades, sofrimentos. Mas também foi de alegres descobertas, amores, o primeiro orgasmo, espantos, o primeiro banho de mar, crescimento, realizações nunca sonhadas. Por isso não ia embora do Rio de Janeiro, fascinada. No Natal, Ano Novo, aniversário, eu ficava saudosa e deprimida, com vontade de pegar o primeiro avião e voltar à minha terra. Mas não voltava. Eu estava determinada a vencer os obstáculos, não admitia sequer pensar numa volta derrotada. Se eu tivesse que retornar um dia a Cuiabá não seria porque eu nada conseguira no Rio, vencida. Haveria de ser por opção pessoal, minhas raízes, livre escolha, não pressionada por circunstâncias adversas. (BCN, 1995, pp. 146-147)

Já no Rio de Janeiro, com emprego e bom salário a personagem ainda foi vítima do preconceito. O patrão um italiano, poderoso diretor de uma companhia internacional, ao se referir a ela afirma: “você nasceu pobre, nunca passará de onde você está, essa ascensão social que você busca nunca virá, tira o teu cavalinho da chuva, menina!” (BCN, 1995, p. 151). Venâncio também fora vítima de Leonídio Matoso, assim disse o patrão: “Olha, Venâncio, o

Colégio Coração de Maria é escola de rico, você é pobre e pra gente pobre na sua condição tem o Colégio Estadual, gratuito, você está me colocando numa situação difícil sem necessidade. Sim senhor, desculpe, submisso. Cadê que meu pai conseguia responder na lata” (BCN, 1995, pp. 151-152).

Vê-se que nem o preconceito, nem a discriminação social e racial, tampouco as humilhações fizeram com que a protagonista recuasse e desistisse de seus objetivos. As dificuldades encontradas ao longo do caminho foram determinantes para sua ação. Assim ela se coloca como andarilha e diz ter percorrido o Brasil inteiro e outros países da América do Sul, Europa, Canadá e Estados Unidos. Afirma, no texto: “Tenho vivido experiências incríveis que vão se incorporando à minha trajetória de andarilha. Em Veneza. Lá vou eu embarcando ou sendo embarcada num porto que desconheço para uma travessia desavisada, nem um leve arrepio me prevenindo do que talvez seja uma viagem sem retorno” (BCN, pp. 51-181).

Tereza Albues traz em sua narrativa uma reflexão acerca do sujeito em trânsito, daquele que precisa se adaptar à outra cultura, bem como dos outros modos de ver e pensar o mundo a partir de um país que não seja mais o de origem. Nestes termos, a narradora albuesiana registra uma imagem do sujeito deslocado.

[...] voltei chorando pra casa, na rua ninguém se deu conta, quem se importa com a expressão das pessoas em Nova York? Tanta gente chora, grita, faz discursos nas esquinas, fala sozinho, puxa fumo pica os braços, correm para o futuro, voam como pássaros nas plantações em torno dos espantalhos, já não os receiam ou então os ignoram solenemente. (BCN, 1995, pp. 117-118).

Em outra reflexão acerca do estrangeiro, a narradora compara-o a “uma planta crescida, bruscamente arrancada do solo em que germinou, tendo de repente que sobreviver num ambiente não apenas totalmente diferente como também na maioria das vezes, hostil” (BCN, 1995, p.121-122). Para além desta reflexão, a narradora afirma ter sofrido grande choque cultural, além da dificuldade no aprendizado da língua e na adaptação climática e social. Para ela: “Viver no exterior á algo assim como ter de reaprender ou se reorganizar dentro dum novo esquema onde nossos valores são constantemente questionados” (BCN, 1995, p. 203). No que diz respeito a viver no exterior e à perda de origem, Ecléa Bosi (2003), salienta:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada “código restrito” pelos linguistas, seu jeito de viver, “carência cultural”, sua religião, credence ou folclore. (BOSI, 2003, p. 176).

A partir das pressuposições da narradora albuesiana, entende-se que a pessoa não tem que assimilar tudo e esquecer-se de si mesma e de sua cultura. Ao contrário, necessita ajustar-se, ou seja, reorganizar em outra cultura a sua própria vida, sem perder suas raízes, o que nos leva mais uma vez ao pensamento de Ecléa Bosi (2003), ao parafrasear Simone Weil.

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro². (BOSI, 2003, p.175).

No que diz respeito ao enraizamento, a narradora de *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), demonstra conservá-lo, tanto que em suas afirmações está a reflexão de que o sujeito migrante precisa reorganizar-se dentro de um novo sistema sem esquecer suas origens. A narradora demonstra conservar suas raízes, trazendo para a narrativa aspectos da vida no campo, isso é notado no fragmento a seguir:

Meu primeiro romance traz o frescor de chuvas molhando o cerrado, as pessoas me perguntando, como é que pode, você tão longe e tão presente? Embora pareça paradoxal é isso que acontece. A pessoa se distancia e vê com mais clareza, lê com mais nitidez o seu interior, avalia a bagagem de experiências armazenadas durante anos, sente necessidade premente de se comunicar com o mundo. (BCN, 1995, p. 204).

Nota-se uma necessidade da narradora, talvez inconsciente, em defender e preservar aquilo que traz dentro dela, quem sabe tenha medo de que os valores se percam ou tomem outras feições, já que está em contato diário com a nova cultura e que esses valores são constantemente questionados.

Nesse contexto, supõe-se que é na travessia entre Cordeiro e Nova York que a protagonista demonstra felicidade, pois o campo representa o espaço opressor, e, no espaço

² Simone Weil. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, p. 347.

citadino a narradora encontra-se deslocada e sem pertencimento. Conforme afirma Roland Bourneuf (1976, p. 167), em *O universo do romance*, “O espaço opressivo parece predominar nos romances contemporâneos. Por vezes, faz gerar o ódio ou a revolta no coração duma personagem”. O autor ainda acrescenta que o espaço pode representar tanto a angústia de um personagem, quanto um espaço protetor. A narradora ao recordar a infância revive os fantasmas que ainda a assombram: “De novo as águas turvas do pantanal invadindo meus sonhos, alagando nossa vida, ameaçando levar para longe a tranquilidade que sonhávamos duradoura. Eu sentia a aproximação da enchente, nada podia fazer pra segurar a força das águas” (p. 90). Estas lembranças vêm pautadas por reflexões da narradora, que agora já não é a mesma da infância.

No romance em análise, nota-se a ausência do espaço protetor, sobressaindo o espaço da dor, da angústia e do sofrimento. As casas não tinham conforto algum, eram taperas, ranchos em ruínas, sem portas e com tetos esburacados de palha, enfim, esse espaço na fazenda Nhicolândia representa a insegurança, pois a casa estava cercada por cobras, onças e jacarés.

Em Nova York a narradora sente-se fora do lugar, logo, compara o estrangeiro a uma planta crescida que fora bruscamente arrancada do solo que germinou, precisando sobreviver em um ambiente totalmente diferente e hostil. Ela ainda acrescenta que esse ambiente pode levar o sujeito à perda das referências que estruturam a própria identidade, ela afirma: “a reconstrução do ser que já não é mais o mesmo do país de origem, o vácuo em que se mergulha e de onde emerge apenas uma questão: Quem sou eu? Eu sou em relação ao meu meio, à minha cultura, ao reconhecimento do outro que sustenta minha existência” (p. 122).

A trajetória da protagonista nos remete ao conceito de travessia, conceito este que aparece no conjunto de obras de Guimarães Rosa. Algo que nos leva à observação do narrador do conto “Orientação”, de Guimarães Rosa: “O mundo do rio não é o mundo da ponte”. Neste sentido, Benjamin Abdala Junior (2006, p. 81), em seu estudo *No fluxo das águas: jangadas, margens e travessias* afirma: “A travessia se faz na própria dinâmica das águas, com seus fluxos, refluxos, no reino flutuante do provisório, mas ao embalo de figurações *in absentia* do que falta.”

Na perspectiva do autor, ficar em cima da ponte seria perder as aventuras que o mundo nos proporciona, neste sentido, o mundo da ponte não existe para a narradora, pois ao descrever seus pensamentos ela demonstra ter se jogado nas águas da vida,

O aplauso molhado de lágrimas vinha de dentro de mim, atravessava o corpo em sangue mas vinha cantando um hino à resistência, à liberdade, à vida.

Demorei horas nesta travessia, quando me levantei estava escurecendo, as luzes da cidade começando a se acender, em mim também uma claridade interior do acontecido, faiscava. Deixo a Europa pra falar dos Estados Unidos. Do Cordeiro a Nova York, é longo o caminho das águas, pontes, barcos, trens, *freeways*, aviões, montanhas de neve, estações de esqui desafiando uma mulher dos trópicos (BCN, 1995, pp. 52-53, *grifo do autor*).

Nota-se que a narradora propõe a travessia, simbolicamente essa travessia diz respeito à conquista dos seus sonhos, pois a personagem se lança nas águas da vida e sabe que são grandes os desafios que encontrará ao longo do caminho: “[...] Nem em sonhos podia antever quantas braçadas ainda teria que dar pra atravessar mares, redemoinhos, tempestades, eu que estava despreparada pra lidar até com águas mansas, como haveria de ser com as corredeiras?” (BCN, 1995, p. 63). Questionamento que nos leva às considerações do professor e escritor Benjamin Abdala Junior (SIC, 2016), para quem a travessia significa ir além das fronteiras e, para isto, faz se necessário lançar-se nas águas da vida, pois aqueles que ficam em cima da ponte perdem as aventuras da vida, lançar nas águas é, portanto, enfrentar as correntezas e os obstáculos. Mas é também superar os desafios que a vida nos proporciona.

Deste modo, Tereza Albués trabalha com estes espaços para lançar a narradora numa busca que, aparentemente, seria simplória, porém a travessia vai muito além de encontrar a *Liberdade*, trata-se de uma busca pessoal do ser, tentando entender a vida. Do mesmo modo, Benjamim Barbudo, personagem “iluminado” do romance, ao refletir sobre os problemas diários da vida e o modo como cada indivíduo tenta superá-los, afirma: “Temos muitos rios correndo dentro de nós, cada qual com sua natureza, podemos submergir ou flutuar, depende de como lidamos com suas águas. Tem gente que se deixa apanhar pela correnteza bravia e dela jamais se desvencilha por covardia ou conformismo” (BCN, p. 130).

Referências

ABDALA JR., Benjamin. **No fluxo das águas: jangadas, margens e travessias**. O eixo e a roda – Revista de Literatura, v. 12, 2006, p. 69-83. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acessado em 10 de janeiro de 2017.

ALBUES, Tereza. **A dança do jaguar**. Paris: Zero Hora, 2000.

_____. **O berro do cordeiro em Nova York**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **Pedra canga**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social**. 3ª ed. Ateliê Editorial. São Paulo, 2003.

BOURNEUF, Roland e Ouellet, Réal. "O espaço". In: **O universo do romance**. Coimbra. Almedina, 1976.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso: Século XX**. 1ª. ed. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

_____. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

_____. **Relações de poder na Literatura da Amazônia Legal**. Cuiabá. EdUFMT, 2002.

Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso. Mário Cesar Silva Leite (Org). Cathedral Publicações. Cuiabá, 2005.

PEREIRA, Leonice Rodrigues. **Tereza Albues e Wanda Ramos: memórias em diálogo**. Cuiabá: Editora Carlini e Caniato, 2014.

ROSA, Guimarães. **Orientação**. Disponível em: <https://manoelneves.com/2008/02/23/orientação-de-guimarães-rosa/>. Acessado em 10 de janeiro de 2017.